

“Preços e distribuição em Sraffa: uma reconsideração” – comentários *

FÁBIO ANDERAO DE ARAUJO **

Como bem salientou certa vez o prof. Kuntz (1981, p. 149), Sraffa já foi recriminado pelo que não prometeu e elogiado pelo que imaginavam ter feito. Provavelmente, esta observação é válida para o recente ensaio de Possas (1983), o qual contém algumas passagens que a meu ver são dignas de reparos, pois podem induzir o leitor a uma interpretação não coerente com o conteúdo e objetivo da obra de Sraffa.

Refiro-me, especificamente, à afirmação de Possas a respeito da existência de hipóteses altamente restritivas que invalidariam o modelo de Sraffa, tornando-o incapaz de tratar corretamente a questão distributiva no sistema capitalista.

Estas hipóteses podem ser resumidas da seguinte forma: *a)* retornos constantes em escala, o que torna possível, mesmo com modificações na distribuição de renda, não ser necessário redefinir a configuração produtiva e, conseqüentemente, a mercadoria-padrão, que, caso contrário, deixaria de ser um padrão adequado de medida dos preços e do salário; e *b)* a hipótese alternativa, que no entender de Possas é ainda mais extrema ou irreal do que a primeira, qual seja, negar a existência de retornos constantes à escala e admitir que mudanças na distribuição de renda não afetam o padrão de consumo dos trabalhadores e dos capitalistas, pois, qualquer que seja a distribuição do excedente, “salários e lucros são gastos nas mesmas mercadorias e nas mesmas proporções destas” (p. 590).

Apesar de Possas alertar para o fato de que os retornos constantes à escala nada têm a ver com o transcurso do tempo, mas unicamente com a técnica produtiva (pp. 586 e 589, principalmente), isto torna a sua crítica um tanto imprecisa, uma vez que Sraffa não faz considerações sobre a natureza da tecnologia. Esta última já está implícita no seu sistema de preços, pois são previamente conhecidas as quantidades físicas das mercadorias utilizadas como meios de produção, bem como a quantidade física produzida de cada mercadoria. Na p. 597 de seu ensaio, Possas nos dá um exemplo de como a hipótese de retornos constantes à escala pode

* Agradeço ao *referee* de *Pesquisa e Planejamento Econômico* por suas úteis e pertinentes observações, o qual, no entanto, está isento das falhas ou omissões porventura existentes na presente nota.

** Da EAESP, Fundação Getúlio Vargas.

ser necessária. Mas a validade de seu exemplo depende de que a distribuição ocorra simultaneamente com a produção.

Ora, a produção é uma etapa anterior e distinta da distribuição, de maneira que a composição e o tamanho do excedente físico de mercadorias são criados antes de sua distribuição. Se são dados os coeficientes técnicos de produção, a composição do produto líquido é conhecida previamente à determinação dos preços. Estes últimos só serão conhecidos quando se fixar, exogenamente, o nível de uma das duas variáveis distributivas.¹ Portanto, tanto para Sraffa como para os economistas clássicos o sistema econômico é visto como um processo circular, com um ciclo produtivo definido, onde estão dadas as seguintes premissas básicas:

- a) tamanho e composição do excedente;
- b) tecnologia em uso; e
- c) taxa de lucro e salário uniformes em todos os ramos de produção.

A distribuição de renda não é questionada por Sraffa. Ele simplesmente a toma como um dado exógeno ao seu sistema de preços e se utiliza da mercadoria-padrão para medir os preços e o salário quando a taxa de lucros varia de zero até o seu máximo. A mercadoria-padrão possui a função de tornar transparente a desigualdade existente entre as diferentes indústrias no que se refere à proporção entre trabalho e meios de produção e ao fato de como esta desigualdade afeta a estrutura dos preços relativos. Os preços relativos alteram-se devido basicamente a duas causas: mudanças na distribuição ou nos métodos de produção. No modelo de Sraffa, esta última causa não é examinada.²

Se alterações na distribuição de renda modificam a composição física do produto, exigindo, portanto, alterações nos coeficientes técnicos de produção, como admite Possas, como será possível estudar algo se tudo o mais varia simultaneamente? Deste modo, a construção de uma medida invariável de valor perderia sentido. No sistema de preços de Sraffa é irrelevante saber se a técnica utilizada em cada ramo de produção exhibe ou não retornos de escala constantes, crescentes ou decrescentes. Basta que no final do ciclo produtivo considerado surja um excedente a ser distribuído.

Possas, a meu ver, pretende exigir de Sraffa que o seu modelo seja aplicável em um contexto dinâmico, algo que de fato não é possível. Qualquer alteração na composição física do produto envolveria uma estrutura produtiva diferente, e Sraffa não está preocupado em estudar o

¹ Sraffa sugere, no Cap. V, Seção 44, de seu livro, como podemos "fechar" o seu modelo, supondo-se que a oferta de moeda é exógena ao sistema. Mas, se admitirmos, ao contrário, que a oferta de moeda depende basicamente das "forças reais", isto é, deve atender às necessidades dos agentes econômicos, então a distribuição de renda resulta do conflito distributivo entre capitalistas e trabalhadores pela apropriação do excedente.

² Exceto na Parte III, Cap. XII, de seu livro.

movimento de preços em sucessivos períodos de produção. Esta era, por exemplo, uma preocupação de Ricardo, que, para analisar a evolução do sistema capitalista ao longo do tempo, procurava um padrão de medida dos preços, cujo valor permanecesse invariável não só para diferentes perfis distributivos, como também diante de métodos de produção alternativos decorrentes do avanço do progresso técnico.

De acordo com Possas, prescindir dos retornos constantes à escala implicaria aceitar a idéia de que as duas classes sociais participariam na divisão do excedente com o mesmo padrão de consumo, uma hipótese altamente irrealista. Sobre isto podemos formular duas objeções: em primeiro lugar, para Sraffa o salário é uma fração do *valor excedente*, de maneira que a cesta de bens de salário não deva necessariamente conter exatamente a mesma composição física do excedente e nas mesmas proporções deste; e, em segundo, o movimento dos preços relativos com o salário, ou a taxa de lucros variando de zero até o seu máximo, é um movimento no sentido lógico e não no sentido histórico. E não poderia ser diferente, pois, quando procuramos uma medida de valor invariável à distribuição, estamos imaginando um padrão de valor que, para qualquer distribuição, nos permita encontrar os preços das mercadorias e a taxa de lucros de maneira não ambígua, isto é, o cálculo desta última não é afetado pelas condições de produção das mercadorias. Este movimento de preços a diferentes níveis de distribuição é uma demonstração rigorosa de que a determinação dos preços não depende só das condições concretas de produção, mas também de como a renda está distribuída entre salários e lucros. Neste sentido, assim se expressou a prof.^a Joan Robinson (1979, p. 149): “as ‘modificações’ da parcela dos salários no argumento não são acontecimentos históricos reais, apenas cálculos de um economista observador”.

Obviamente, no mundo real nenhuma das duas variáveis distributivas pode ser igual a zero. O salário e a correspondente taxa de lucros devem situar-se em um nível tal que permita aos capitalistas e aos trabalhadores adquirirem a totalidade do produto líquido, sem que, no entanto, cada uma das duas classes adquira quantidades de cada mercadoria de acordo com um padrão de consumo rígido.³

Finalmente, na última seção de seu artigo, Possas afirma que o único modelo teórico de economia de trocas capitalista em estado de reprodução estática que lhe parece consistente para demonstrar a relação inversa entre taxa de lucros e salário é aquele em que as condições de produção e a demanda estão dadas (p. 601). Deste modo, não caberia indagar sobre a distribuição porque ela é resolvida simultaneamente com os preços e a

³ No capitalismo contemporâneo a presença de oligopólios e a difusão não-uniforme do progresso técnico entre os diversos ramos de produção fazem com que a taxa de lucros seja relativamente rígida, pois as empresas líderes no mercado procuram manter constante sua taxa de lucros planejada, determinada, segundo Kalecki, pelo grau de monopólio. Uma vez fixado o nível do salário monetário, o nível geral de preços deverá elevar-se a fim de tornar o novo piso salarial compatível com a taxa geral de lucros vigente, e o modelo de Sraffa adapta-se bem à esta circunstância concreta.

taxa de lucros, e assim o seu sistema de equações parece ficar perfeitamente determinado, porque o salário é dado fisicamente em função do perfil da demanda dos trabalhadores por bens de consumo. Ou, em outros termos, enquanto para Sraffa a distribuição é uma questão em aberto, que só poderá ser solucionada a nível político ou por algum mecanismo institucional, no modelo proposto por Possas esta questão é resolvida simplesmente de acordo com o padrão de consumo da classe trabalhadora, negligenciando, portanto, a existência do conflito distributivo na economia capitalista.

Reconheço que o modelo de Sraffa é insuficiente para se entender as leis de movimento ou dinâmica da economia capitalista. Ele é válido para os propósitos para os quais foi elaborado, isto é, para uma situação estático-comparativa, onde se queira determinar os preços de produção, para uma dada taxa de lucros ou de salário, independentemente das forças da oferta e procura, e também livre das complicações introduzidas pela teoria do valor-trabalho.

Bibliografia

- AMIN, Samir. *A lei do valor e o materialismo histórico*. Lisboa, Edições 70, 1978.
- BENETTI, Carlo. *Valor e repartição*. Coimbra, Editora Centelha, 1978.
- BHARADWAJ, Krishna. O valor através de uma distribuição exógena. In: HARCOURT, G. C., e LAING, N. F., eds. *Capital e crescimento económico*. Rio de Janeiro, Interciência, 1978.
- BIANCHI, Carluccio. *Teorias da moeda*. Lisboa, Editorial Presença, 1979.
- EATWELL, John. The irrelevance of returns to scale in Sraffa's analysis. *Journal of Economic Literature*, XV:61-8, mar. 1977.
- HUNT, E. K. *História do pensamento económico*. Rio de Janeiro, Campus, 1982.
- KUNTZ, Rolf. Os clássicos revisados. *Revista de Economia Política*, 1 (2), abr./jun. 1981.
- NAPOLEONI, Claudio. *O valor na ciência económica*. Lisboa, Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.
- OLIVEIRA, Fabrício de. O valor em Marx e a falácia de Garegnani. *Revista de Economia Política*, 3:55-69, jul./set. 1983.

- POSSAS, Mario Luiz. Preços e distribuição em Sraffa: uma reconsideração. *Pesquisa e Planejamento Econômico*, Rio de Janeiro, 13 (2) :575-618, ago. 1983.
- ROBINSON, Joan. *The labour theory of value*. Collected Economic Papers, V. Oxford, Basil Blackwell, 1979.
- . *Contribuições à economia moderna*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- RONCAGLIA, Alessandro. *Sraffa and the theory of prices*. John Wiley & Sons, 1970.
- SAMUELSON, Paul Anthony. *Sraffa's returns and post-Ricardian analysis*. Mimeo. MIT, dez. 1971.

